

NARRATIVAS DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DE ESTUDANTES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Lílian Tatiane Souza Dias¹; Edna Lúcia da Rocha Linhares²

¹Licenciada em Pedagogia e Educação Física. Professora de Sala de Recursos Altas Habilidades/ Superdotação na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Professora de Sala de Recursos Multifuncional na Secretaria Municipal de Novo Gama-Goiás na Educação de Jovens e Adultos, Brasil, liliantatisouza@gmail.com

²Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró-RN, Brasil, ednarocha@ufersa.edu.br

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise do Atendimento Educacional Especializado (AEE) ofertado a estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública da rede municipal de Novo Gama-GO. Foram realizados a aplicação de formulários com os estudantes atendidos. Os resultados deste estudo reafirmam que a inclusão educacional na EJA só pode se efetivar quando orientada por práticas dialógicas, flexíveis e humanizadoras, que reconheçam a condição adulta dos estudantes e a complexidade de suas trajetórias. Dar voz aos sujeitos envolvidos permitiu compreender não apenas os desafios, mas também os potenciais existentes na escola, demonstrando que o AEE possui papel estratégico na promoção do direito à educação ao longo da vida. A análise dos dados evidencia que o AEE na EJA desempenha um papel fundamental no apoio ao aprendizado e na inclusão de estudantes público-alvo da Educação Especial. Os estudantes demonstram alto grau de satisfação com o atendimento, destacando acolhimento, apoio docente e adequação de materiais.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. AEE. Educação Especial. Inclusão.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma modalidade fundamental para garantir o direito à educação ao longo da vida, assegurando a escolarização de sujeitos que, por diferentes razões, não tiveram acesso ou continuidade em sua trajetória escolar. No contexto da educação inclusiva, a EJA apresenta desafios particulares, uma vez que atende estudantes com histórias de vida diversas, experiências educativas fragmentadas e, muitas vezes, marcadas por exclusões anteriores. Entre esses desafios, destaca-se a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE), previsto na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, cujo objetivo é identificar, organizar e disponibilizar recursos pedagógicos

e de acessibilidade que promovam a participação e aprendizagem dos estudantes com necessidade educacionais específicas.

O AEE na EJA, entretanto, permanece como um campo ainda pouco investigado na literatura acadêmica, sobretudo quando se trata da compreensão das narrativas e percepções dos sujeitos envolvidos. A presença de estudantes público-alvo da Educação Especial na EJA revela demandas específicas que exigem a reorganização das práticas pedagógicas, da gestão escolar e do trabalho colaborativo. Porém, observa-se que muitos municípios e escolas ainda enfrentam dificuldades para estruturar ações articuladas, efetivas e contextualizadas, especialmente no que diz respeito à atuação da Sala de Recursos Multifuncional (SRM) no período noturno. Em municípios como Novo Gama (GO), essas lacunas tornam-se ainda mais evidentes diante da complexidade social, econômica e educacional do público atendido.

Diante desse cenário, surge a necessidade de compreender como o AEE vem sendo organizado e vivenciado pelos sujeitos que dele participam: estudantes, gestores e coordenadores pedagógicos. Assim, este artigo busca investigar as narrativas do Atendimento Educacional Especializado na Educação de Jovens e Adultos, com foco na experiência da SRM de um município goiano. A pesquisa parte da seguinte questão-problema: Como estudantes, gestores e coordenação pedagógica percebem a organização, os desafios e as contribuições do Atendimento Educacional Especializado ofertado na EJA, no contexto da Sala de Recursos Multifuncional de Novo Gama-GO?

A relevância deste estudo reside no fato de que a EJA, enquanto modalidade de educação inclusiva, enfrenta obstáculos como a evasão, a baixa participação dos estudantes público-alvo da Educação Especial, a escassez de formação continuada voltada especificamente para o AEE na EJA, além da limitada produção científica sobre práticas e percepções desse atendimento. Ao dar voz aos sujeitos envolvidos, busca-se evidenciar experiências, dificuldades e potencialidades que possam subsidiar práticas pedagógicas mais eficientes, bem como fortalecer a atuação da gestão escolar na organização do atendimento especializado.

Justifica-se, portanto, a pertinência da pesquisa por seu potencial de contribuir para a melhoria das ações do AEE, possibilitando uma compreensão aprofundada sobre como esse serviço é percebido e vivido no cotidiano escolar da EJA. A investigação propõe-se também a colaborar com debates mais amplos sobre políticas públicas, formação docente e condições de funcionamento das SRM, especialmente no período noturno, em que se concentram estudantes

trabalhadores, com demandas específicas de tempo, cansaço, acessibilidade e apoio pedagógico.

A inclusão educacional na Educação de Jovens e Adultos (EJA) demanda práticas pedagógicas flexíveis, acessibilidade curricular contínua e reconhecimento das múltiplas trajetórias de vida dos estudantes, que historicamente enfrentam barreiras diversas. Conforme Santos (2016), incluir na EJA significa reconhecer o estudante como sujeito de direitos, valorizando sua identidade, seus saberes e sua participação ativa no processo educativo, ao mesmo tempo em que se enfrentam fragilidades estruturais como a falta de formação docente e a pouca articulação entre sala regular e AEE.

Na mesma direção, Freire (1996) destaca que a educação deve ser um ato político e humanizador, fundamentado no diálogo, no respeito à autonomia e na valorização das experiências concretas dos educandos, elementos indispensáveis para uma inclusão verdadeiramente emancipatória. Assim, integrar essas perspectivas evidencia que a inclusão na EJA, especialmente no âmbito do AEE, exige práticas colaborativas, metodologias flexíveis e políticas públicas efetivas que assegurem o direito à educação ao longo da vida.

Assim, o estudo teve como objetivo geral compreender as narrativas e percepções dos sujeitos envolvidos no AEE da EJA em Novo Gama-GO. Como objetivos específicos, buscou-se: analisar a organização e funcionamento do AEE na unidade escolar investigada e identificar as percepções dos estudantes da EJA sobre o atendimento na Sala de Recursos Multifuncional.

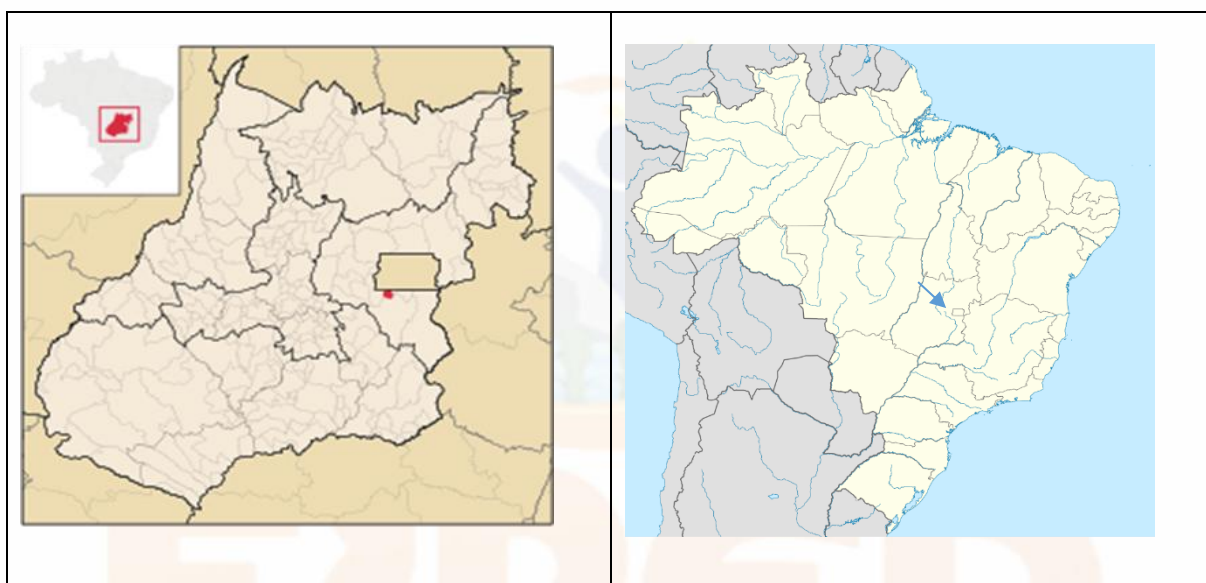
Com a articulação entre os dados coletados e a literatura da área, espera-se que esta pesquisa contribua para a construção de um olhar mais sensível, crítico e fundamentado sobre o papel do AEE na promoção do direito à educação, especialmente para jovens, adultos e idosos que buscam na EJA não apenas escolarização, mas também reconhecimento, acolhimento e novas possibilidades de vida.

Metodologia

O estudo foi realizado em uma unidade escolar da rede municipal da cidade do Novo Gama localizada no estado Goiás (Figura 1), que atende turmas da EJA e oferece Atendimento Educacional Especializado por meio da Sala de Recursos Multifuncional.

A pesquisa caracteriza-se como um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, orientado pela perspectiva das narrativas dos estudantes envolvidos no Atendimento Educacional Especializado na Educação de Jovens e Adultos. A escolha dessa abordagem fundamenta-se na necessidade de compreender percepções, experiências e sentidos atribuídos ao AEE pelos participantes, reconhecendo as dimensões subjetivas e contextuais que permeiam o processo educativo.

Figura 1- Localização do município de Novo Gama –Go.



Fonte: Google maps 2026

Participaram da pesquisa: estudantes da EJA atendidos pela SRM. Foi aplicado um formulário com dez questões destinado aos estudantes atendidos no AEE, voltado à identificação de suas percepções sobre o atendimento, dificuldades encontradas e sugestões de melhoria. Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo temática, conforme Bardin (2016).

O processo ocorreu em três etapas: a pré-análise – leitura inicial dos questionários e organização do material; a exploração do material – categorização das respostas segundo temas emergentes (acessibilidade, percepção do atendimento, recursos, barreiras pedagógicas, papel da gestão) e o tratamento e interpretação – articulação entre as categorias encontradas, a literatura teórica e os objetivos da pesquisa.

A análise teve como eixo central a identificação das narrativas que revelam desafios, potencialidades e percepções sobre o AEE na EJA. Os participantes foram informados sobre o

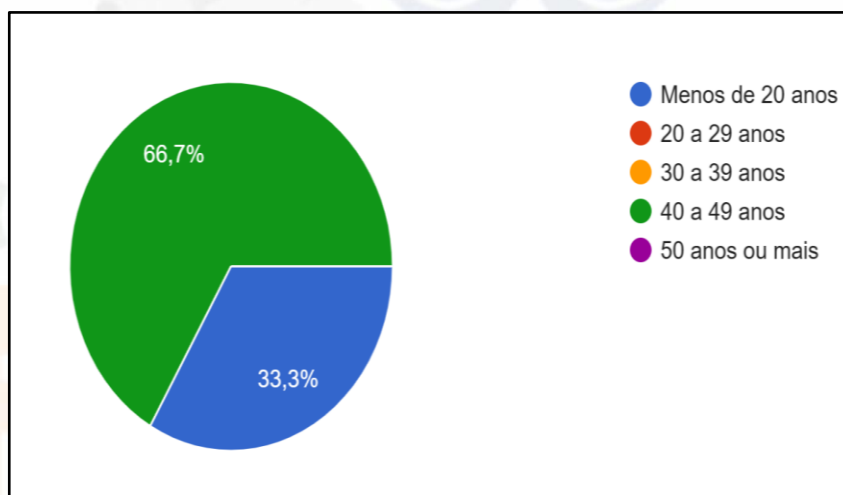
objetivo da pesquisa e consentiram através de um termo de consentimento com sua participação.

Garantiu-se anonimato e uso exclusivamente acadêmico dos dados.

Resultados e Discussões

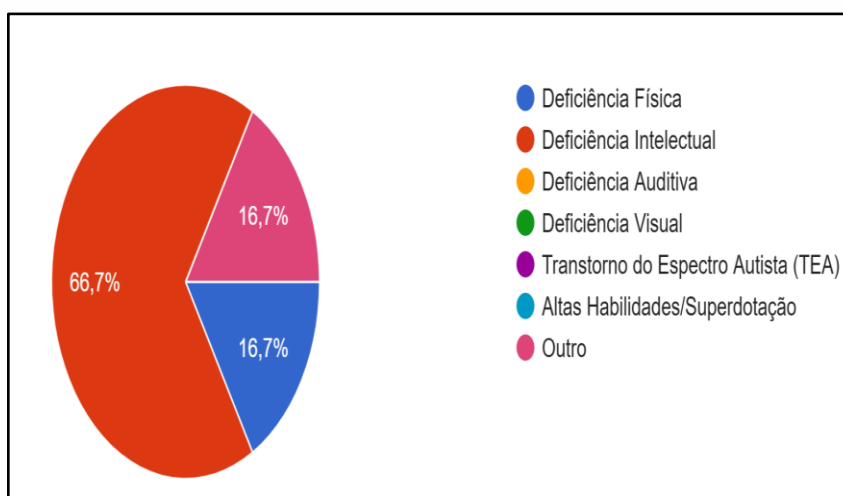
De acordo com as Figuras 1 e 2 abaixo, a maioria dos estudantes encontra-se na faixa etária de 40 a 49 anos, com predominância de pessoas com deficiência intelectual e deficiência física. Apenas dois estudantes têm menos de 20 anos. Os dados confirmam os apontamentos de Arroyo (2017) e Santos (2016), que afirmam que a EJA acolhe pessoas adultas que vivenciaram processos históricos de exclusão escolar e possuem trajetórias marcadas por interrupções no percurso formativo.

Figura 1: Faixa etária dos estudantes que foram objeto de estudo.



Fonte: Autoria própria (2025)

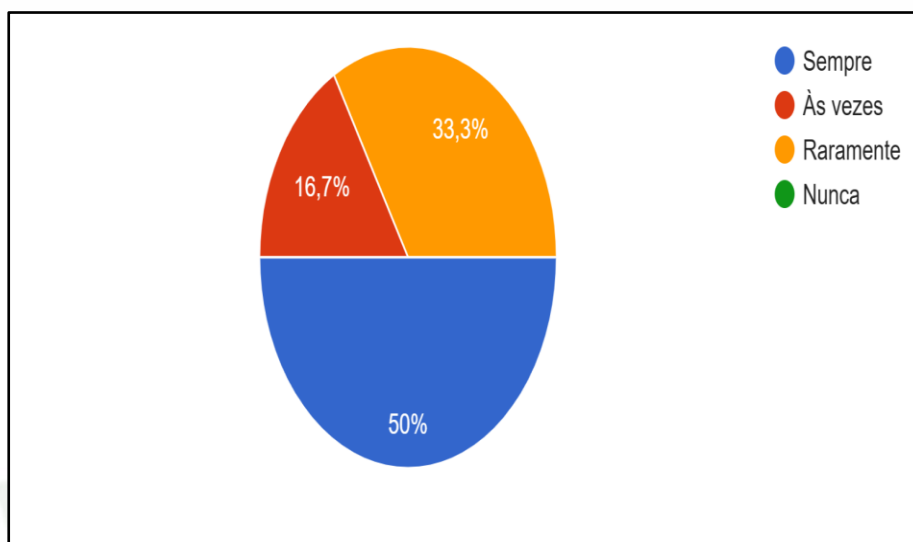
Figura 2: Identificação do tipo de deficiência dos estudantes que foram objeto de estudo.



Fonte: Autoria própria (2025)

Quanto à frequência ao AEE, observa-se na Figura 3 um padrão de participação sempre ou às vezes entre os adultos, enquanto os mais jovens relataram participação rara. Essa diferença pode estar associada à maturidade, motivação e maior compreensão do papel do AEE para o processo de aprendizagem, reforçando a ideia de Freire (1996) sobre a educação como ato de autonomia e escolha consciente, conforme a Figura 2.

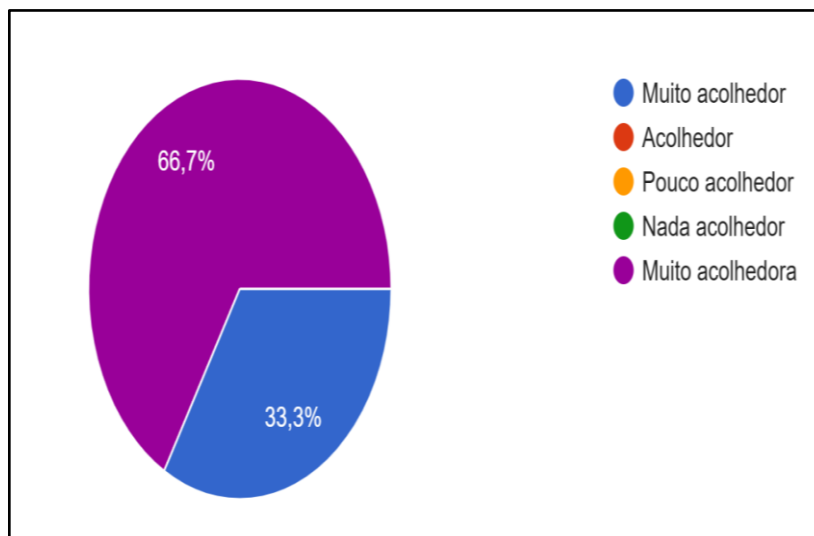
Figura 3: Frequência no AEE.



Fonte: Autoria própria (2025)

De acordo com Figura 4, todos os participantes consideram a SRM um ambiente muito acolhedor, o que reflete práticas pedagógicas humanizadas e coerentes com a proposta de acessibilidade curricular descrita no material Acessibilidade Curricular (2025). O acolhimento é um elemento essencial no processo de inclusão, pois reduz barreiras atitudinais, fortalece vínculos afetivos e favorece a permanência dos estudantes, segundo Mantoan (2006) e Glat & Pletsch (2010).

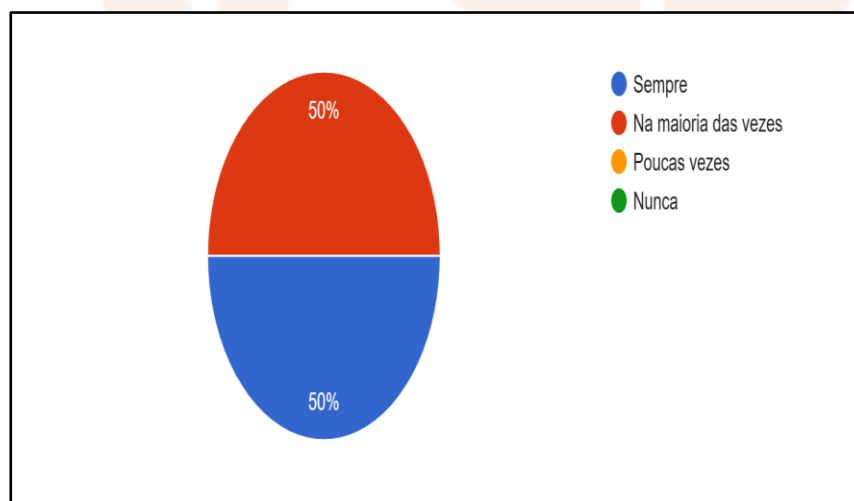
Figura 4: Percepção sobre o ambiente da Sala de Recursos dos estudantes objeto de estudo.



Fonte: Autoria própria (2025)

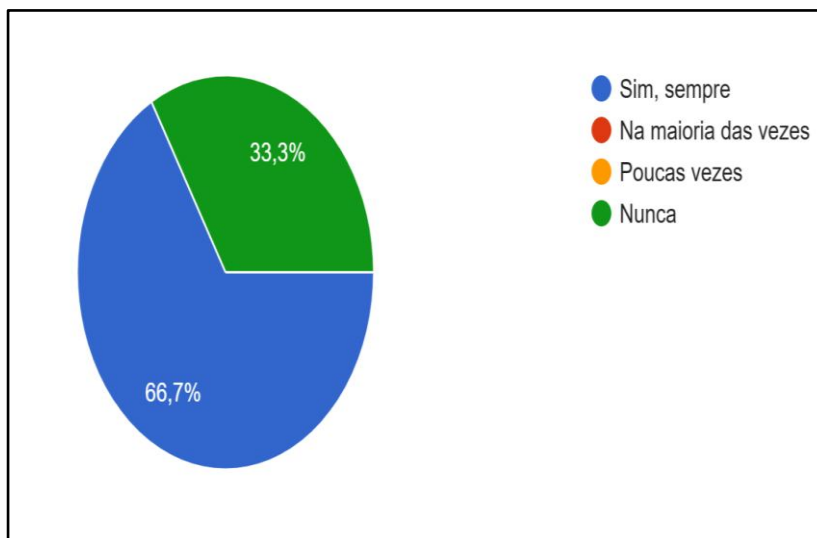
Com relação ao impacto das atividades no aprendizado, descrito na Figura 5, parte dos estudantes afirma que as atividades sempre ajudam, enquanto outros dizem que ajudam na maioria das vezes. Contudo, na Figura 6, dois estudantes jovens afirmaram que os recursos utilizados nas atividades do AEE nunca ajudam, embora considerem o ambiente acolhedor. Esses resultados sugerem a necessidade de ajustes metodológicos mais individualizados, sobretudo para estudantes com menor engajamento ou dificuldades específicas.

Figura 5: Impacto das atividades do AEE no aprendizado dos estudantes.



Fonte: Autoria própria (2025)

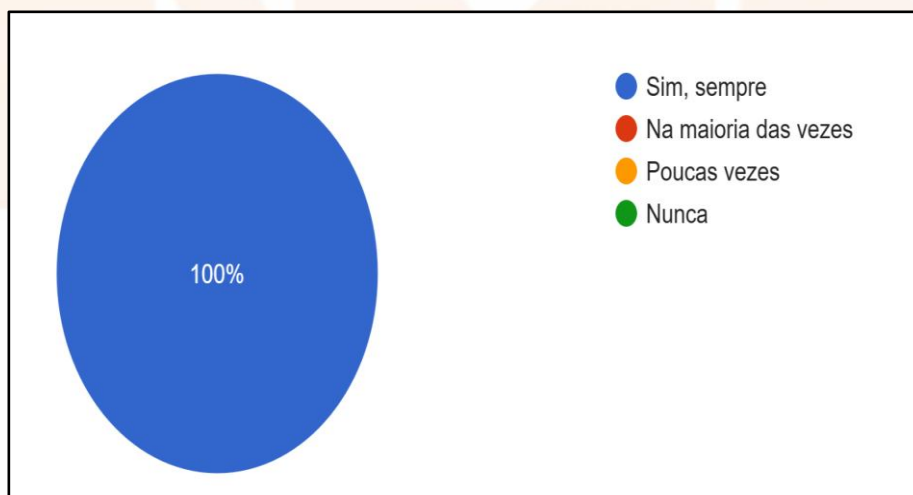
Figura 6: Recursos utilizados no AEE e as necessidades dos estudantes.



Fonte: Autoria própria (2025)

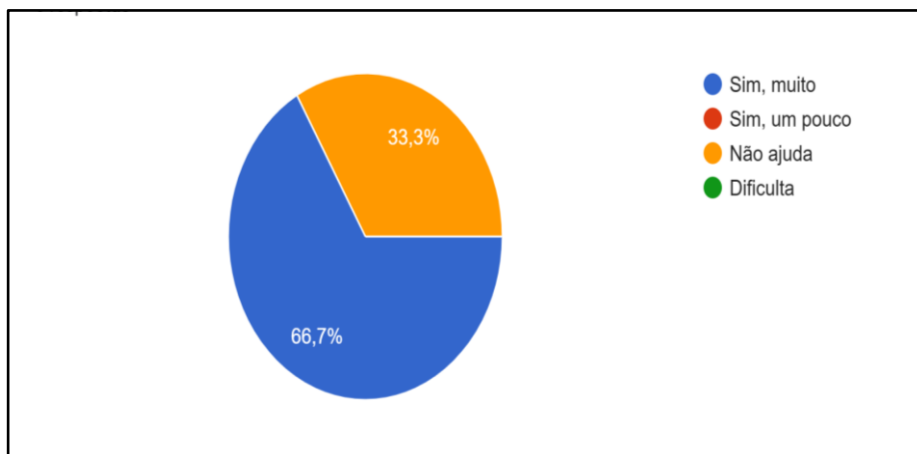
Considerando as Figuras 7 e 8, o apoio da professora da SRM foi avaliado como sempre claro e respeitoso, indicando uma prática profissional alinhada aos princípios de diálogo, respeito e mediação presentes na pedagogia freireana.

Figura 7: Relação professor-aluno no AEE.



Fonte: Autoria própria (2025)

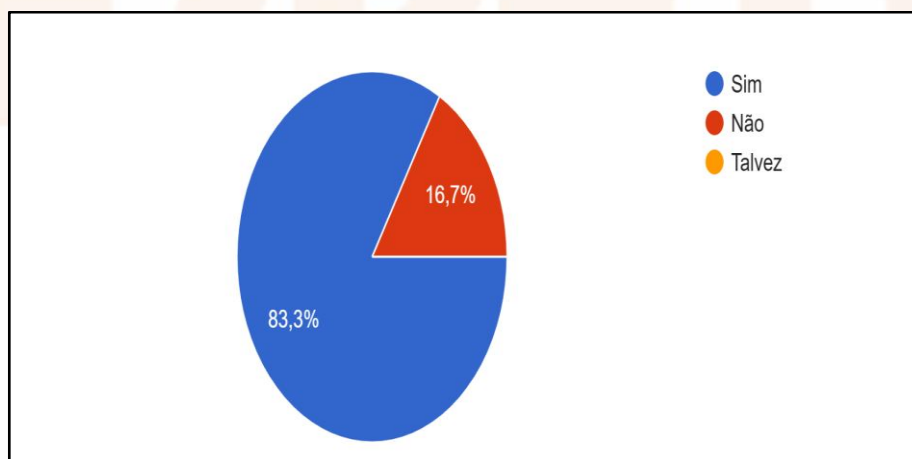
Figura 8: Participação na Sala de Recursos e a melhoria nas aulas da EJA.



Fonte: Autoria própria (2025)

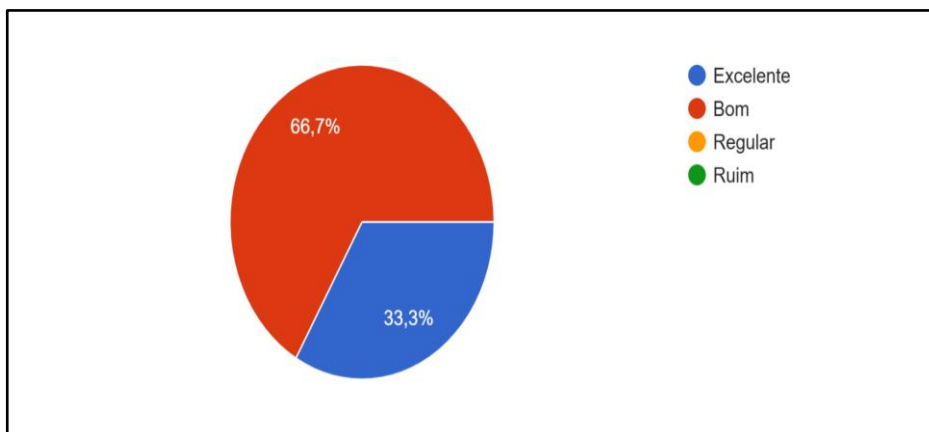
A Figura 9 demonstra que todos os estudantes indicaram interesse em mais atendimentos, o que demonstra reconhecimento da importância da SRM como espaço de apoio pedagógico e emocional. Conforme a Figura 10, a avaliação geral do atendimento foi majoritariamente boa, com duas avaliações excelentes, apesar dos estudantes terem afirmado que o atendimento não ajuda nas aulas da EJA. Essa contradição aponta para uma percepção positiva do ambiente, mas fragilidade na conexão com o currículo regular.

Figura 9: Necessidade de mais atendimentos na Sala de Recursos.



Fonte: Autoria própria (2025)

Figura 10: Avaliação do atendimento na Sala de Recursos.



Fonte: Autoria própria (2025).

Conclusões

Os resultados deste estudo reafirmam que a inclusão educacional na EJA só pode se efetivar quando orientada por práticas dialógicas, flexíveis e humanizadoras, que reconheçam a condição adulta dos estudantes e a complexidade de suas trajetórias. Dar voz aos sujeitos envolvidos permitiu compreender não apenas os desafios, mas também os potenciais existentes na escola, demonstrando que o AEE possui papel estratégico na promoção do direito à educação ao longo da vida.

A análise dos dados evidencia que o AEE na EJA desempenha um papel fundamental no apoio ao aprendizado e na inclusão de estudantes público-alvo da Educação Especial. Os estudantes demonstram alto grau de satisfação com o atendimento, destacando acolhimento, apoio docente e adequação de materiais.

Referencias Bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação - artigo em publicação periódica técnica e/ou científica - apresentação. Rio de Janeiro, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: elaboração: referências. Rio de Janeiro, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.
- ARROYO, M. G. **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, políticas e práticas**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEYER, H. O. **Inclusão escolar e formação de professores**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Acessibilidade curricular: práticas pedagógicas inclusivas para jovens e adultos com deficiência.** Brasília: MEC, 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Nau, 2010.

GOMES, C. A. **Atendimento Educacional Especializado e práticas inclusivas.** Curitiba: Appris, 2012.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

SANTOS, E. L. **A EJA numa perspectiva de inclusão.** São Paulo: Cortez, 2016.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP